

AS CRISES COMO INSTRUMENTO DE EVOLUÇÃO

Fernando A. Leite de Oliveira, editor

Para quem vive ou viveu no ambiente universitário nos últimos 40 anos, ou foi muito alienado ou aprendeu que periodicamente acontecem crises nas universidades e faculdades que podem ter diversos papéis para evolução ou involução da Instituição de Ensino Superior.

Tais crises podem ser de ordem administrativa, de relações de poder, de gestão de recursos físicos, humanos ou financeiros, de liderança, de avaliação externa ou de vários fatores conjugados. Lembro-me de ter acompanhado à distância uma grande crise nesta instituição ao final da década de 80 e as informações posteriores de protagonistas me deixaram cheio de admiração do modo como se conseguiu superar um conflito de tantas proporções. As crises ligadas à estadualização da UEMG, à vinda do campus da UFU para Ituiutaba e seus reflexos sobre a UEMG ou a passagem do sistema estadual de ensino superior para o federal foram sinais de crises e dificuldades que levaram às mudanças em cursos e processos que sempre trazem alternativas e estratégias para superação.

A Fundação Educacional de Ituiutaba surgiu da tentativa de interiorização do Ensino Superior numa época em que fazer faculdade era privilégio de muito poucos e via de regra demandava viajar e viver bem longe da família e do lar. Algumas pessoas da cidade vislumbraram um projeto audacioso e com a ambição de mudar os limites existentes puseram as mãos na massa e trabalharam até ver a escola funcionando. Conheci pessoas que fizeram parte desse começo, que abraçaram a vida universitária com denodo, algumas que continuaram sua trajetória na Federal de Uberlândia ainda na década de 70 e que sempre falaram com admiração desse começo. Conheci outras pessoas que fizeram parte dessa história desde o começo e que serviram de sustentáculo em projetos e organizações da Instituição até os nossos dias.

As crises que acompanhamos e que vivemos até hoje podem levar à derrocada e ao fim ou podem provocar mudanças de estratégias que não apenas fazem sobreviver, mas procurar novos caminhos evolutivos.

Na minha vivência universitária de mais de 40 anos, conheci pessoas de mente aberta (o contrário das rígidas), que entenderam e abraçaram a vida universitária compreendendo e trabalhando a produção e divulgação de conhecimentos relevantes, que se identificaram com o aspecto comunitário que a vida universitária traz que manifestaram comportamentos adaptativos e ousados necessários para enfrentar crises e tempestades e foram essas pessoas que me ensinaram o papel da universidade na história da sociedade.

Por isso, uma Revista como a *Intercursos*, tem um papel essencial para aqueles docentes que identificam o ensino do terceiro grau não como a mera transmissão de conhecimentos e técnicas, mas como a aprendizagem de construção do novo, da pesquisa e da extensão.